

CRITÉRIOS DE ANIMAÇÃO E DE GOVERNO DA ASSOCIAÇÃO

ASSOCIAÇÃO dos SALESIANOS COOPERADORES

DON GIUSEPPE CASTI

P. MARCOS SANDRINI (TRADUÇÃO)



ASSOCIAÇÃO DOS SALESIANOS COOPERADORES

**CRITÉRIOS DE ANIMAÇÃO
E DE GOVERNO**



**A ESCOLHA SALESIANA DA ANIMAÇÃO
E
OS RESPONSÁVEIS DA ANIMAÇÃO**

CAPÍTULO 1 - A ESCOLHA SALESIANA DA ANIMAÇÃO NA VIDA DA ASSOCIAÇÃO

Premissa	04
1. Educar com o coração e com o estilo da animação	05
1.1 Responsável-animador	05
2. Especificidade de cada dimensão e critérios de animação	06
2.1 A dimensão humana	06
2.1.1 O cuidado com a dimensão humana, educativo-cultural.....	07
2.1.1.1 Ajudar os Salesianos Cooperadores a construir-se uma identidade forte.....	07
2.1.1.2 Acompanhar os Salesianos Cooperadores no amadurecimento do seu mundo afetivo e emotivo.....	07
2.1.1.3 Promover uma cultura que se inspire no humanismo cristão.....	08
2.1.1.4 Trabalhar pela promoção humana e a competência humanista e profissional.....	09
2.1.1.5 Ajudar a refletir sobre a racionalidade da própria fé	09
2.2 A dimensão cristã	09
2.2.1 Promover o desenvolvimento da dimensão religiosa da pessoa.....	10
2.2.2 Suscitar, acompanhar e aprofundar a experiência de fé.....	10
2.2.3 Oferecer aos Salesianos Cooperadores experiências graduais de serviço e de compromisso apostólico.....	11
2.3 A dimensão salesiana	12
2.3.1 Especificidade e importância da experiência associativa.....	12
3 A comunicação social	13
3.1 Comunicadores por vocação e missão	14

CAPÍTULO 2 - OS RESPONSÁVEIS NA ASSOCIAÇÃO

Premissa	17
1. Relações entre animação e governo na Associação	17
1.1. Com fidelidade e espírito de serviço.....	17
1.2. Corresponsabilidade.....	18
1.3. Colegialidade.....	20

CAPÍTULO 1 - A ESCOLHA SALESIANA DA ANIMAÇÃO NA VIDA DA ASSOCIAÇÃO

PREMISSA

Os critérios de animação estão estritamente correlacionados às Linhas Gerais da Formação da Associação dos Salesianos Cooperadores. O ponto focal em direção ao qual convergem as Linhas de Formação e os Critérios de Animação é o Sistema Preventivo.

Toda a animação salesiana é um processo dinâmico que se desenvolve em algumas dimensões fundamentais, como aspectos integrantes e complementares. Um quadro de referência antropológico, pedagógico e espiritual coerentes para o acompanhamento de jovens aspirantes e adultos no delicado processo de crescimento das suas humanidades na fé.

O PVA, na sua unidade orgânica, integra estes diferentes aspectos e elementos num processo único orientado a uma meta bem identificada: o homem, o cristão, o salesiano. Este processo se desfolha sobre tres aspectos fundamentais, mutuamente correlatos e complementares, que chamamos “dimensões”. Esses conteúdos vitais e dinâmicos do Salesiano Cooperador indicam a finalidade. Cada uma delas tem um objetivo específico que a qualifica embora estejam intimamente conexas. Não são etapas organizadas rigorosamente em sucessão, mas se integram no dinamismo unitário do crescimento do Salesiano Cooperador. Sustentando esta impostação, há um preciso horizonte antropológico, educativo e teológico: o crescimento implica um entrecruzar-se entre a maturidade humana e o sentido cristão da vida, na lógica de um caminho. As dimensões se reportam, em cada intervenção, à obra e ao serviço. Neste sentido consideramos “transversal” a sua presença no PVA.

Pode-se compreender as dimensões como vasos comunicantes, que não apenas se reportam idealmente, mas se alimentam mutuamente. Mesmo se na descrição são sucessivas, convém advertir que formam todas uma unidade: cada uma traz ao conjunto a sua especificidade, mas também recebem das outras uma orientação e algumas acentuações originais. São inseparáveis e se qualificam reciprocamente de modo que uma não se pode desenvolver sem uma referência explícita às outras. Estão presentes segundo a lógica de sistema, onde a dinâmica de um

elemento suscita réplicas em todos os outros. Esta unidade e correlação devem explicitar-se nos objetivos e nas estratégias da animação em todos os níveis: local, provincial, regional e mundial.

O conjunto destas três dimensões constitui a dinâmica interna do PVA e dos Critérios de Animação: é um quadro de escolhas qualificantes, que nos pode ajudar a elaborar com os Salesianos Cooperadores, propostas de formação e de animação proporcionais, nas situações concretas.

1. Educar com o coração e com o estilo da animação.

O espírito salesiano constitui o ponto de referência decisivo no modo de pensar, agir e santificar-se do Salesiano Cooperador, e também as indicações fundamentais para dar vida a projetos educativos, pastorais e de espiritualidade de quem aceita encargos dentro da Associação com espírito de serviço e fidelidade ao carisma de Dom Bosco.

Estilo comporta para o Responsável:

- um modo de pensar a pessoa humana que se reconheça capaz pelos seus recursos interiores de ser comprometida e responsável dos processos que lhe dizem respeito;

- um método que olha o positivo, as riquezas e as potencialidades que cada Salesiano Cooperador carrega dentro de si, oferecendo uma ação de promoção e de crescimento;

- um estilo de caminho com os salesianos cooperadores, que sugere, motiva, ajuda a crescer no quotidiano, através de uma relação de tipo libertador e com autoridade;

- o objetivo último e global é dar a cada pessoa a alegria de viver plenamente e a coragem de esperar. A animação tem o rosto concreto de uma pessoa: o responsável-animador. Ele tem um papel preciso e indispensável.

1.1 - O Responsável-animador

Embora este papel varie nas situações particulares conforme o Centro, podemos exprimi-lo assim:

- encoraja a formação dos Salesianos Cooperadores do Centro e o progredir das buscas, reflexões, atividades e ideais;

- ajuda, mediante sua competência e sua experiência, a superar as crises do Centro e a entabular relações pessoais entre os componentes;

- apresenta aos Salesianos Cooperadores elementos de crítica e de aprofundamento, para que saibam indicar as suas propostas, os seus desejos e as suas buscas;

- favorece a comunicação e a ligação entre os membros do Centro local e provincial;

- acompanha cada um dos membros no seu processo de crescimento humano e cristão.

O Centro deve buscar sua inserção social e eclesial. Nesta ótica a experiência associativa salesiana e a animação **deve promover:**

- uma preparação e um acompanhamento que tornem o Salesiano Cooperador capaz de participar na vida da sociedade, assumindo suas responsabilidades morais, profissionais e sociais, e cooperando com quem se esforça para construí-la mais digna do homem;

- uma inserção ativa no civil, através da promoção do Centro e de toda a Associação no serviço ao bem comum na sociedade;

- uma inserção na comunidade eclesial, ajudando os Salesianos Cooperadores a um sincero amor por ela, como comunhão de todos os crentes em Cristo e sacramento universal de salvação.

2. Especificidade de cada dimensão e os critérios de animação

2.1 A dimensão humana

A dimensão humana, educativo-cultural, está em íntima relação com a dimensão da educação à fé. A educação é o lugar e a mediação para a oferta da boa notícia do Evangelho, mensagem que se encarna na cultura concreta e pede processos graduais de assunção em sintonia com a capacidade de amadurecimento de cada pessoa. A educação requer que, partindo da situação concreta, elaborem estratégias para chegar ao amadurecimento integral.

O olhar do animador não é orientado exclusivamente pela problemática religiosa com a fé e com a Igreja. É aberto a todas as experiências: intercepta todas as esperanças e esforços do crescimento,

do construir-se com os outros, da inserção na sociedade, do trabalho. A proposta de fé, por outro lado, se cruza com os objetivos do amadurecimento humano porque é aí que o crer tem sentido. O olhar salesiano, portanto, é carregado de atenções educativas, exercício da sabedoria orientada pela fé.

2.1.1 O cuidado da dimensão humana, educativo-cultural

2.1.1.1 Ajudar os Salesianos Cooperadores a construir-se uma identidade forte.

Num mundo fragmentado e vergado pelo imediato, marcado pelo relativismo e pela falta de princípios, nós Salesianos Cooperadores acreditamos que o PVA (Projeto de Vida Apostólica) possa ajudar a formar nos Cooperadores personalidades fortes (cfr. Mt 7, 24-27).

Ajudemo-los, portanto, a superar as dificuldades. É preciso cuidar da convergência de todas as intervenções para a formação de uma personalidade unitária: uma escola operativa onde todas as contribuições se integram fortificando-se mutuamente, em harmonia com as aspirações e as dimensões da pessoa, bem hierarquizadas. Olhando os Salesianos Cooperadores com os olhos de Jesus, nós os ajudamos a:

- formar a consciência moral e a capacidade de discernimento ético para um juízo motivado e responsável; - crescer na autonomia para enfrentar a vida com coerência e responsabilidade;

- adquirir um rico patrimônio de valores/virtudes, de acordo com o Evangelho;

- confrontar-se com modelos de referência com credibilidade reconhecidos em Salesianos Cooperadores que têm Jesus, Bom Pastor, e Dom Bosco como referência primeira. A qualidade do vivido por estes modelos incide fortemente no caminho de adesão a Cristo.

2.1.1.2 Acompanhar os Salesianos Cooperadores no amadurecimento do seu mundo afetivo e emotivo.

Um mundo que às vezes tem dificuldade de exprimir-se, embora tenha um papel fundamental. Os afetos e os sentimentos são critério-guia do caminho relacional e também da avaliação ética, mas procedem muitas vezes por um percurso paralelo da racionalidade. É certo que o âmbito afetivo e sexual é cada vez mais relevante em relação à formação

da personalidade. É necessário que ajudemos a gerir as emoções, os sentimentos e a viver a experiência de casais como experiência de crescimento.

A educação integral da pessoa levará a apreciar os valores autênticos da afetividade (o respeito de si e dos outros, a dignidade da pessoa, a transparência das relações, a fidelidade ao outro/outra, a dignidade do matrimônio cristão e da família) e a sexualidade como valor determinante para o caminho de maturidade.

Cuidarmos destes critérios significa:

- criar ambientes ricos de intercâmbios comunicativo-afetivos. Os Cooperadores procuram relações autênticas, na família, com os amigos, nos Centros, no ambiente de trabalho: relações que ajudem a encontrar-se bem e a proceder com serenidade na realização do próprio percurso;

- ajudar as famílias nas situações heterogêneas em que se encontram, levando-lhes o caráter próprio do nosso carisma: a familiaridade, a disponibilidade constante e a proximidade;

- acompanhar os Salesianos Cooperadores nas diversas etapas da sua vida, favorecendo atitudes ligadas ao serviço e à gratuidade.

2.1.1.3 Promover uma cultura que se inspire no humanismo cristão.

Deste rico patrimônio humanista pode-se assumir uma visão diversa do mundo e da pessoa humana. Suscitamos o desenvolvimento positivo da realidade cultural e religiosa na unidade da fé e da vida. Isto comporta:

- valorizar o que há de bom na cultura atual, atentos para não cair numa avaliação simplista e excessivamente crítica em relação à condição juvenil;

- promover a cultura da vida, opondo-se às tendências destrutivas do relativismo, do hedonismo e do pragmatismo;

- criar uma cultura da solidariedade e do compromisso, que leve a superar as situações difíceis lutando contra toda forma de injustiça.

2.1.1.4 Trabalhar pela promoção humana e a competência humanista e profissional

A profissionalidade deve conduzir a fazer com que o serviço de governo e animação quer dentro da Associação quer na sociedade seja desenvolvido com crescente competência e com real satisfação, conscientes dos limites e respeitoso das tarefas dos outros, conscientes da própria contribuição para o crescimento social e compromissos político.

É preciso, além disso, formar atitudes e estruturas estáveis na personalidade (auto-estima, socialização, participação, autonomia, solidariedade, responsabilidade, vontade), que lhes permitam agir como pessoas livres e as orientem à compreensão crítica da realidade e à comunhão solidária com as pessoas.

2.1.1.5 Ajudar a refletir sobre a racionalidade da própria fé.

Para contribuir para a construção das sociedades em que vivemos, é essencial cultivar uma leitura inteligente da mensagem cristã do mundo em que se vive. Isto se realiza com:

- uma educação das atitudes que estão na base da abertura a Deus (saber entrar dentro de si; conhecer-se sempre mais e melhor nos seus limites e nas próprias possibilidades; saber maravilhar-se e encantar-se; valorizando quanto de bem, de grande e de belo existe em si e ao seu redor);

- uma formação religiosa crítica e adequada que ilumine a mente e robusteça o coração;

- uma atitude de abertura, de respeito e de diálogo entre as diversas confissões cristãs e a pluralidade de expressões religiosas.

2.2 A dimensão cristã

Evangelizar e educar é a primeira e fundamental finalidade da nossa Associação. O nosso Projeto de Vida Apostólica é decisivamente orientado à plena maturidade dos Salesianos Cooperadores e ao seu crescimento na Igreja, certos de que a educação da dimensão cristã é central no desenvolvimento da pessoa. A Evangelização leva à Boa Nova de Cristo em todos os estratos da humanidade para renová-la a partir de

dentro (cfme. *Evangelii Nuntiandi*, 18) para que crendo “com uma fé consciente e vigorosa” (*Porta Fidei*, 8) descubram a alegria intrínseca. O caminho de amadurecimento à fé requer, hoje, tempos mais longos, e um envolvimento comunitário que vá além da proposta estritamente catequética. Para acompanhar a adesão à fé e ao caminho cristão, raciocina-se, hoje, em termos de iniciação. Isto vale também para os adultos. A fé não é mais algo pressuposto.

Dom Bosco transmitiu a paixão pela salvação dos jovens vivida no empenho constante de uma catequese simples, essencial, adaptada à condição, à idade e à cultura dos jovens e junto com outras propostas educativas e recreativas do Oratório. A formação cristã não se atua no final de um percurso propedêutico, mas constitui o coração de toda a proposta formativa. Dom Bosco não distinguia entre o primeiro anúncio e catequese, mas, encontrado o jovem, logo o confiava oportunamente a um caminho de vida cristã. Se a formação cristã não se integra na vida, permanece estranha e incompreensível, é suportada e, no futuro, abandonada.

2.2.1 Promover o desenvolvimento da dimensão religiosa da pessoa

Abrir, purificar e aprofundar o desejo de ulterior caminho de fé é tarefa dos Responsáveis da Associação. Ajudamos os Salesianos Cooperadores, através de várias propostas, a viver atitudes típicas de uma experiência religiosa: o encantamento, a contemplação, a abertura ao mistério, o senso da gratuidade, o compromisso apostólico.

Aqui é preciso fazer-se companheiros de viagem dos Salesianos Cooperadores, partilhando com eles o fatigoso caminho do crescimento e do aprofundamento da experiência da existência. Para eles este terreno é necessariamente o do seu crescimento, das tarefas relativas em ordem à construção da sua identidade. Para isto consideramos fundamentais estes critérios.

2.2.2 Suscitar, acompanhar e aprofundar a experiência de fé.

A experiência de fé é uma adesão pessoal que conduz a ver a vida com os olhos de Jesus. É importante desenvolver um itinerário sistemático de educação à fé. Quem conhece o processo de amadurecimento humano se dá conta de que a integração fé e vida

exige uma grande atenção. Procuramos aproximar-nos da experiência religiosa ativando processos para alcançar uma síntese entre fé e vida:

- proclamar a fé de modo significativo, em toda a riqueza experiencial da mensagem cristã;

- ajudar o amadurecimento da fé como atitude capaz de inspirar e organizar todo o processo de amadurecimento humano, reforçando a adesão ao Senhor através do encontro pessoal e a direção espiritual;

- cuidar das celebrações que conduzam a uma verdadeira relação pessoal com Cristo pela sua beleza e pela profundidade que comunicam;

- promover um compromisso pessoal para viver no quotidiano o que se celebrou;

- criar tempos e ambientes adequados que favoreçam o encontro com Deus através de percursos de interiorização: a oração pessoal e comunitária, a abertura ao mistério, a contemplação e o silêncio, o encontro e o confronto com a Palavra vivida e partilhada. Esta aproximação à Palavra e os esforços formativos e de integração desta última na oração quotidiana da comunidade são extremamente importantes. Os Salesianos Cooperadores são sempre mais sensíveis à leitura orante da Palavra de Deus na forma da *Lectio Divina* quando o texto bíblico lhes é repartido com uma linguagem apropriada e que vá inserir-se na sua vida, narrando quem é Deus, para depois revelar-lhes a si mesmos quem são.

2.2.3 Oferecer aos Salesianos Cooperadores experiências graduais de serviço e de compromisso apostólico

Para realizar pessoalmente a integração da sua fé com a vida, devem tornar-se eles mesmos, segundo as possibilidades de cada um, testemunhas e evangelizadores. Trata-se de uma fé que estimula e aprofunda os processos de humanização e promoção das pessoas segundo o modelo de Jesus Cristo.

A dimensão social da caridade pertence à educação da pessoa social e politicamente comprometida com a justiça. Para a construção de uma sociedade mais justa e mais humana, descobrindo

uma inspiração plenamente evangélica. Uma adesão de fé sempre mais madura se abre ao serviço sincero à pessoa humana. A proposta e o testemunho da solidariedade dão credibilidade ao anúncio evangélico, porque exprimem o potencial de humanidade; já são o anúncio da vida nova em Cristo, e manifestam que o Evangelho é para o homem, que a Igreja tem uma palavra decisiva a dizer para a vida, a dignidade, a esperança e o futuro da pessoa humana. Dom Bosco educou os jovens às virtudes morais do honesto cidadão.

2.3 A dimensão salesiana

2.3.1 Especificidade e importância da experiência associativa.

Dom Bosco valorizou o grupo e o associacionismo como presença educativa capaz de multiplicar as intervenções formativas. Desde jovem, ele mesmo cresceu na Sociedade da Alegria no período da frequência ao Colégio de Chieri, fazendo experiência de grupo. As companhias, as sociedades, as associações, as conferências, cada uma a seu modo e com os interesses e os objetivos próprios assumidos pelos associados, nasceram no início do Oratório e, nos anos 1860-1870 entraram nos internatos e nos colégios. Esta dimensão é uma característica fundamental do carisma educativo evangelizador salesiano. O Sistema Preventivo requer um intenso e luminoso ambiente de participação e de relações amigáveis vivificado pela presença dos animadores que favorece todas as formas construtivas de atividades e de vida associativa, concreta iniciação ao compromisso comunitário, civil, político e eclesial.

O desenvolvimento desta dimensão requer algumas escolhas:

- Construir um ambiente de família, através de intervenções apropriadas e estrategicamente planejadas, onde se vive a pedagogia da proximidade, das relações e do afeto demonstrado: um ambiente de confiança em que as propostas apostólicas são críveis e assimiláveis pela intensidade das relações pessoais e o clima de alegria compartilhado.

- Vida associativa no Centro como ambiente privilegiado em que se desenvolve e se vive o carisma salesiano: uma variedade de propostas formativas e apostólicas, abertas a todos os Salesianos Cooperadores, que são os verdadeiros protagonistas da vida da Associação. Este critério implica ulteriores atenções.

- Criar pluralidade de propostas e ambientes de ampla acolhida segundo os diversos interesses e caminhos dos Cooperadores, partindo da situação em que se encontram, respeitando o ritmo de desenvolvimento que lhes é possível;

- Oferecer tempos e espaços intensos de convivência/partilha de vida (retiros, exercícios espirituais, jornadas de estudos) como momentos de confirmação e de relançamento da decisão associativa e salesiana dos Centros.

O futuro Salesiano Cooperador ou o Salesiano Cooperador efetivo pertence sempre a um Centro e a uma Província. Como comunidade de pessoas animadas pelo mesmo ideal apostólico, especialmente o Centro (mas também a Província) constitui um ambiente precioso para a formação: é o lugar do encontro de todos os que querem partilhar o mesmo projeto; é o lugar onde se cresce juntos participando da vida de Família: o exemplo arrasta, a amizade encoraja, a experiência do outro enriquece, as iniciativas atuadas juntos estimulam. Cada Centro deveria ser um núcleo dinâmico que sustenta, estimula, orienta e, deste modo, contribui eficazmente à formação quer pessoal quer de grupo dos seus membros. Para chegar a isto é necessário que o Centro saiba criar um ambiente de confiança e de aceitação entre os membros.

Neste contexto do Centro e da Província, o artigo em exame atribui particulares responsabilidades formativas a Cooperadores qualificados e ao Delegado e/ou à Delegada. Dada a *qualificação secular do Salesianos Cooperador*, a contribuição de *Salesianos Cooperadores qualificados* à formação dos outros membros da Associação é imprescindível e, de fato, uma possibilidade concreta a ser valorizada ao máximo. Deve-se recordar que fazem parte da Associação sacerdotes e diáconos seculares com tarefas formativas. Junto com eles estão o *Delegado e/ou Delegada* que são os animadores espirituais, responsáveis sobretudo pela formação salesiana apostólica

3 A Comunicação Social

Hoje a comunicação social está presente em todas as presenças salesianas. A comunicação social ocupa todos os espaços e determina a forma da convivência humana. Interessa, portanto, de perto a vocação e a missão do Salesiano Cooperador que age nas fronteiras da promoção e da evangelização. É, portanto, uma dimensão específica do carisma

salesiano. Foi essencial em Dom Bosco; é apelo para cada Cooperador, é irrenunciável na Igreja e no mundo de hoje.

Dom Bosco fez da sua infatigável atividade na comunicação social um elemento constitutivo do seu ser educador e apóstolo dos jovens e de todo o povo. Da tradição salesiana aprendemos que a comunicação social não é simplesmente um conjunto de instrumentos ou meios materiais para operar; ela, ao contrário, investe toda a presença salesiana, comprometida na educação e evangelização quer em obras específicas, quer através de diversas formas de ação que influenciam a cultura popular e a promoção de formas sociais adequadas. E reportando-nos a Dom Bosco: “Peço-lhes e incentivo que não descuidem desta parte importantíssima da nossa missão” (CARTA CIRCULAR SOBRE A DIFUSÃO DE BONS LIVROS, 19 DE MARÇO DE 1885).

3.1 Comunicadores por vocação e missão

Como Salesianos Cooperadores devemos hoje, em toda a nossa poliédrica atividade apostólica e educativa, exprimir a nossa firme vontade de ser autênticos comunicadores. Comunicadores, portanto, por íntima vocação e por missão educativa. A nossa qualidade de educadores e evangelizadores requer que sejamos comunicadores qualificados. A comunicação promove a comunhão carismática e a mobilização da missão. Interessa-nos, sobretudo, a comunicação interpessoal entre adulto e jovem, entre leigos e religiosos, entre os que são ricos de experiência e os que estão iniciando o caminho na vida, entre todos os que têm dons a partilhar.

O Sistema Preventivo confia a eficácia educativa principalmente ao encontro direto, face-a-face: encontro de confiança, de amizade, de escuta atenta e interessada. É preciso, portanto, cultivar a capacidade de gerir as dinâmicas relacionais: a qualidade das interações podem condicionar de modo construtivo ou de modo negativo a formação da personalidade; as atitudes e os estilos educativos se refletem sobre estados emocionais, determinando com frequência o comportamento. A reflexão da Família Salesiana revela o consolidar-se das convicções sobre a comunicação entendida em sentido amplo e abre a uma nova prática mais sistêmica no campo da comunicação social.

Nos projetos de formação e como critérios de animação devem estar presentes algumas linhas operativas de intervenção neste setor:

- a formação para o uso crítico e educativo dos meios de Comunicação Social e das novas tecnologias. Educadores e jovens compreendam as mudanças que estão acontecendo, o funcionamento dos meios de comunicação e as indústrias culturais. Senso crítico, espírito estratégico, capacidade de autoregulação, uso seguro e eficaz, senso do limite e do respeito, senso cívico, autonomia.

- o envolvimento na produção de mensagens e conteúdos destinados especificamente aos jovens, utilizando todos os meios a nossa disposição. Fazer comunicação social é sempre mais uma presença educativa, plasmadora de mentalidade e criadora de cultura;

- a valorização da comunicação social como novo espaço de agregação. As tecnologias da comunicação mudam o sentido de pertença e o modo de agregação, enquanto criam mais comunidade, nas quais estão inseridos os usuários, com dispositivos sempre mais ligados à vida dos jovens.

- a promoção e o apreço a todas as formas e expressões de comunicação, como a música, o teatro, o cinema, a televisão, a fotografia, a revista em quadrinho, os multimeios e outras expressões de arte, com um claro escopo educativo e de evangelização. É preciso animar estas realidades comunicativas de modo que não apenas ofereçam espaços sempre mais amplos à livre expressão e à criatividade, mas também estimulem o gosto do belo em todas as expressões (artes visuais, música, poesia, literatura, dança, teatro) Educar à beleza significa envolver toda a esfera da sensibilidade e da emotividade, a imaginação e a criatividade, a capacidade de exprimir sensações e sentimentos próprios e de compreender a expressão dos outros.

Papa Francisco o exprime com muita clareza: “É bom que toda catequese preste atenção especial à “via da beleza” (*via pulchritudinis*). Anunciar Cristo significa mostrar que crer nele e segui-lo não é apenas algo verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de preencher a vida de um novo esplendor e de uma alegria profunda, também em meio a provas. Nesta perspectiva, todas as expressões de autêntica beleza podem ser reconhecidas como um caminho que ajuda a encontrar-se com o Senhor Jesus.

Não se trata de fomentar um relativismo estético, que possa obscurecer a ligação inseparável entre verdade, bondade e beleza, mas de recuperar a estima da beleza para poder chegar ao coração humano e fazer resplandecer nele a verdade e a bondade do Ressuscitado. Se, como afirma Santo Agostinho, nós amamos apenas o que é belo, o Filho

feito homem, revelação da infinita beleza, é sumamente amável, e nos atrai a si com laços de amor. Portanto é necessário que a formação na *via pulchritudinis* seja inserida na transmissão da fé” (Evangelii Gaudium, 167).

PREMISSA

1. Relações entre animação e governo na Associação.

Este capítulo apresentará a figura do Responsável enquanto desenvolve um papel de animação e de governo na Associação.

O artigo 35 do PVA prevê este papel quando diz que “A Associação... se confia para o próprio governo e para a animação aos Conselhos Locais, Provinciais e Mundial...”.

Em nível mundial encontramos o papel não só de animação mas também de governo do Reitor Mor como Moderador supremo da Associação. No exercício do seu ministério o Reitor Mor se serve do Conselho Mundial dos Salesianos Cooperadores (PVA, 24 § 2). Aos Inspectores e Inspetoras dizem respeito algumas intervenções de governo claramente especificadas pelo PVA.

Daqui pra frente chamaremos “responsável” a pessoa que desempenha as funções de animação e de governo na Associação.

1.1 Com fidelidade e espírito de serviço

O PVA no artigo 22 § 1 nos diz com clareza qual deve ser o Critério fundamental que deve guiar quem é chamado a assumir encargos de responsabilidade na Associação: « O Salesiano Cooperador se sente responsável da missão comum e a desempenha segundo as próprias condições de vida... Se chamado a cobrir encargos de responsabilidade, compromete-se a desenvolvê-los com fidelidade e espírito de serviço”.

O serviço e a fidelidade a Dom Bosco nos pede que acolhamos e façamos nossos, concretizando-os, os repetidos convites do Papa Francisco: “despertar o mundo”, “igreja em saída”, “lógica das periferias”, “cultura do encontro ao invés da cultura do descarte”, “acariciar os conflitos”.

Nós, Salesianos Cooperadores, o que temos a ver com tudo isto? Como vem “interpelada” a nossa vida e, especificamente, o nosso serviço à Associação?

Os que aceitaram responsabilidades na Associação devem ressaltar os seguintes critérios:

1. *Promover a formação permanente das pessoas e das comunidades;*
2. *Promover a consciência de dever responder juntos à única missão da Igreja e da Família Salesiana;*
3. *Discernir, desenvolver o carisma, ajudar a Igreja e a Associação na sua missão.*

A “criatividade”, é a qualidade essencial para responder à urgência da renovação da Associação, tirando do ensinamento do Papa Francisco critérios que podem assegurar o acompanhamento e a promoção desta criatividade: o diálogo, o discernimento, as fronteiras.

É bom esclarecer, antes de tudo, que o papel de “governo hoje se situa mais na linha da animação e da coordenação, que sobre o governo entendido como tomar decisões. Nesta situação, que corresponde a uma maior autonomia organizativa e decisional dos Coordenadores com os seus Conselhos, torna-se verdadeiramente essencial a nossa capacidade e o nosso empenho de ser pessoas “com autoridade” em relação a eles, pela força e a incisividade da palavra que levamos e do testemunho que damos como garantes da fidelidade criativa ao carisma e guardas e construtores da comunhão na nossa Associação e da sua plena e convicta inserção na única missão na Igreja; comprometidos com todos os Salesianos Cooperadores dos Centros e das Províncias a aprofundar sempre mais a nossa identidade, mas – parece um paradoxo – evitando fazê-la tornar-se uma espécie de “tótem”, que nos induz numa espiral de autoreferencialidade, quando, ao contrário, é essencial o nosso sentir-nos igreja.

Vale a pena, a este respeito, reler o n. 130 da EG: *“O Espírito Santo enriquece toda a Igreja evangelizadora também com diferentes carismas. São dons para renovar e edificar a Igreja. Não se trata de um patrimônio fechado, entregue a um grupo para que o guarde; mas são presentes do Espírito integrados no corpo eclesial, atraídos para o centro que é Cristo, donde são canalizados num impulso evangelizador”.*

1.2 A corresponsabilidade

O Salesiano Cooperador “partilha na Associação a corresponsabilidade educativa e evangelizadora” (PVA, 22 § 1).

É na colaboração, na corresponsabilidade e também na partilha em todos os níveis que conseguimos mais facilmente ser fiéis às

nossas origens, ao nosso carisma e ao mesmo tempo ao Espírito, que fala na realidade concreta. O perigo que nós corremos, de fato, poderia ser sempre o de pensar e viver sempre um pouco desligados da realidade.

Papa Francisco no n. 96 da EG escreve: *“Neste contexto, alimenta-se a vanglória de quantos se contentam com ter algum poder e preferem ser generais de exércitos derrotados antes que simples soldados dum batalhão que continua a lutar. Quantas vezes sonhamos planos apostólicos expansionistas, meticulosos e bem traçados, típicos de generais derrotados! Assim, negamos a nossa história de Igreja, que é gloriosa por ser história de sacrifícios, de esperança, de luta diária, de vida gasta no serviço, de constância no trabalho fatigante, porque todo o trabalho é «suor do nosso rosto». Em vez disso, entretemo-nos vaidosos a falar sobre «o que se deveria fazer» – o pecado do «deveriaqueísmo» – como mestres espirituais e peritos de pastoral que dão instruções ficando de fora. Cultivamos a nossa imaginação sem limites e perdemos o contato com a dolorosa realidade do nosso povo fiel”.*

Se há cooperação, verdadeira escuta recíproca, entre os Responsáveis em todos os níveis, pode-se evitar-lhes o risco de perder-se nos problemas e nos compromissos quotidianos, diminuindo o sentido da direção e a nós de indicar caminhos justos mas impraticáveis, ou construir trens perfeitos, que viajam vazios.

A imagem dos trens perfeitos mas vazios deve fazer-nos refletir. Continua o Papa: *“Entre a globalização e a localização também se gera uma tensão. É preciso prestar atenção à dimensão global para não cair numa mesquinha quotidianidade. Ao mesmo tempo convém não perder de vista o que é local, que nos faz caminhar com os pés na terra. As duas coisas unidas impedem de cair em algum destes dois extremos: o primeiro, que os cidadãos vivam num universalismo abstrato e globalizante, miméticos passageiros do carro de apoio, admirando os fogos de artifício do mundo, que é de outros, com a boca aberta e aplausos programados; o outro extremo é que se transformem num museu folclórico de eremitas locais, condenados a repetir sempre as mesmas coisas, incapazes de se deixar interpelar pelo que é diverso e de apreciar a beleza que Deus espalha fora das suas fronteiras”.* (EG, 234).

Este é o Critério de base que devemos partilhar nas nossas realidades perguntando-nos: com que meios, com que atitudes animar a vida dos Centros, das Províncias, da Associação e “acordá-las”, ou mantê-

las vivas e em comunhão ao redor do fogo do carisma, e aos apelos do Papa Francisco?

1.3 A colegialidade

«O serviço de animação e de responsabilidade na Associação é serviço de apostolado, através do qual a Associação cresce e amadurece na comunhão, na vida espiritual e na missão salesiana» (PVA, 17).

Colegialidade e subsidiariedade são fundamentais para “uma salutar descentralização” (EG, 16). Papa Francisco acrescenta que é uma condição indispensável para a renovação: “A Igreja deve aceitar esta liberdade inaferrável da Palavra, que é eficaz a seu modo, e em formas muito diversas, de modo que fogem com frequência das nossas previsões e rompem os nossos esquemas” (22). Em outras palavras não é preciso os costumes históricos da Igreja “não diretamente ligados ao núcleo do Evangelho” (43).

Se a colegialidade é o estilo de governo do Papa Francisco, este deve-se tornar também o estilo a ser adotado na Associação dos Salesianos Cooperadores.

A missão requer a capacidade de inserir-se em contextos culturais, sociais e eclesiais diversificados, sabendo intuir urgências e necessidades e demonstrando capacidade de colaboração com os que estão dispostos a trabalhar para o bem comum.

A colegialidade requer que os componentes de um Conselho se integrem e queiram colaborar ativamente e sejam disponíveis a fazer um caminho de aprofundamento e de amadurecimento das qualidades que a função requer. Devem saber trabalhar em equipe. Citamos algumas aplicações e consequências.

Precisamos de uma leitura correta da “colegialidade”. Duas expressões complementares recolhem o senso da colegialidade:

- 1) Todo o Conselho é responsável de toda a vida da Associação (PVA, 21).
- 2) A distribuição de competências específicas entre os membros de um Conselho é confiar a um Salesiano Cooperador a coordenação de atividades e de

compromissos de um setor, que necessita, depois, da referência decisional do conjunto do Conselho (PVA, 22)

Os responsáveis sejam capazes de coordenar-se entre si, no âmbito do mesmo nível e entre níveis diferentes (entre a realidade local e a provincial, e entre esta e a realidade regional e mundial).

A competência confiada em um setor exige a troca recíproca de informações em sentido horizontal no mesmo nível e em sentido vertical entre o próprio nível e os outros.

A múltiplas tarefas e compromissos não podem recair sobre a mesma pessoa. A distribuição conforme as possibilidades e capacidades de cada um ajudará a concentrar as forças e a realizar os objetivos e as finalidades da Associação.

A responsabilidade colegial requer fazer-se presentes e ativos em todos os setores da vida dos Salesianos Cooperadores; quando, pois, por justas razões ou por motivos contingentes, um responsável não pode cumprir o seu trabalho, todo o Conselho é chamado a suprir, pelo bem das pessoas e da Associação.

A criatividade e iniciativa de cada conselheiro devem, porém, evitar o multiplicar-se dispersivo de compromissos. É preciso uma programação e uma coordenação efetivas e tempestivas.

Saber colaborar em estilo colegial não acontece por si mesmo; exige uma formação que tenha presente alguns elementos essenciais.

A este propósito fazemos nossa a metodologia de colaboração de toda a Família Salesiana:

(Carta de Identidade da Família Salesiana, 41).

- a) É preciso, antes de tudo, educar-se à partilha do projeto. Cada atividade educativa e apostólica parte da análise da situação dos próprios destinatários e visa alcançar determinados objetivos de curto, médio e longo prazo. Tudo isto deve ser estudado e programado juntos, valorizando as competências, respeitando a diversidade de visões e favorecendo a convergência.

- b) É preciso, também, *ativar as lógicas da coordenação*. O concurso de forças diversas em vista de um empreendimento não é nunca um fato automático. São necessárias algumas capacidades: conhecer exatamente o problema que se pretende resolver, clarificar a finalidade que se propõe, avaliar de forma realista as possibilidades de intervenção, avaliar as forças e os recursos disponíveis, declarar honestamente as contribuições que se podem e se pretendem dar.
- c) É preciso, igualmente, *submeter-se à lógica da reciprocidade*. A reciprocidade é consciência do próprio dom e do outro, é reconhecimento do próprio valor e dos outros, é acolhida e intercâmbio de sensibilidades, idéias e competências complementares, é oferta de prestações feitas com generosidade e humildade.
- d) Por último, é preciso *educar-se à responsabilidade partilhada*. O bom êxito da colaboração no campo educativo e apostólico depende quer da aceitação de uma responsabilidade primária que coordena o projeto, quer do reconhecimento das responsabilidades dos outros, dando espaço a todos para que participem ativamente do cumprimento do objetivo comum.

O governo, a corresponsabilidade, a colegialidade estão a serviço das pessoas e exigem necessariamente a organização: sem ela não poderia ser concretamente eficaz. As estruturas de uma Associação como a dos Cooperadores não são fim em si, mas instituídas justamente para tornar mais ágil a consecução dos escopos da própria Associação. E isto não em forma de grupo espontâneo, mas como conjunto de pessoas animados pelo mesmo espírito e empenhadas em conseguir um objetivo comum adotando os mesmos meios. Isto não elimina a iniciativa pessoal ou de grupo, mas a agiliza e potencia inserindo-a harmonicamente na ação associada

Concretamente esta comunhão e colaboração se manifesta com uma disponibilidade essencial a viver com os outros irmãos e com as outras irmãs alguns momentos insubstituíveis previstos no Projeto de Vida Apostólica, e com a disponibilidade consentida pela própria condição de trabalho e de família para compromissos apostólicos.

As estruturas da Associação e os Cooperadores que aceitam encargos de responsabilidade assumem o serviço de estimular, coordenar, sustentar os irmãos e as irmãs “a viver a sua vocação apostólica, a missão e a comunhão segundo o Projeto de Vida Apostólica” (Cfr PVA, 33).

Elaboração: P. Giuseppe Casti (Roma)
Tradução do texto Italiano: P. Marcos Sandrini (BPA)
Diagramação e releitura: SC. Luiz Marcos Schatzmann (BPA)